



Futuros professores: representações discentes da docência

Dirce Aparecida Foletto de Moraes¹ – UEL PR

Claudia Chueire de Oliveira² – UEL PR

Nathalia Martins³ – UEL PR

Resumo:

Este artigo trata das representações dos discentes de duas licenciaturas da Universidade Estadual de Londrina em relação à docência. São destacadas as percepções dos alunos de 1º e 4º ano, com a finalidade de abordar a visão dos ingressantes e de quem está terminando o curso. Os objetivos do estudo foram: analisar a identidade do professor; verificar como o processo de formação inicial colabora na compreensão da identidade profissional do docente; e, identificar aspectos que possam desmistificar as representações equivocadas cristalizadas socialmente. Os resultados elucidam que, no curso de Filosofia, a representação do professor é de um missionário vocacionado, exemplo de dedicação e compromisso pelos ingressantes e do último ano. No curso de Ciências Sociais, esta representação é significativa entre os ingressantes, porém, entre os discentes do último ano, a visão do professor se modifica e estes demonstram entender o professor como um profissional da educação. Tais constatações demonstram que a organização e o currículo permitem aprendizagens significativas que levam a modificações nas representações sobre o ser professor.

Palavras-chave: Formação de professores. Profissionalização docente. Representação social.

Introdução

A sociedade contemporânea tem se caracterizado pelo forte aparato de modificações rápidas. A ampliação das informações, a conquista de espaços e tempos sociais diferenciados, o investimento maciço do capitalismo nas relações, o estabelecimento de políticas sociais globais, entre outras características têm modificado também a maneira de compreender o mundo e nele interagir. Neste contexto, um turbilhão de alterações educacionais surge, instala-se e gera novas

¹ dircemoraes@sercomtel.com.br

² cchueire@uel.br

³ nathali martins92@hotmail.com

culturas. São desafios inerentes ao processo educativo, desdobrados em muitas situações inusitadas, sobretudo no que se refere ao trabalho docente.

Diante do exposto, os significados atribuídos ao exercício da profissão docente têm sofrido modificações. Se a máxima para se tornar professor consistia em “[...] transmitir o conteúdo indiscutível a ser memorizado, num modelo de exposição que era acompanhado de exercícios a serem resolvidos pelos alunos e tinha o recurso da avaliação como controle rígido e preestabelecido [...]” (PIMENTA, 2008, p. 147), na atualidade, desapareceram as ideias ostentadas no imaginário do cotidiano, alardeadas por representações sociais cristalizadas nos aspectos acima citados.

Muitos são os desafios atuais inerentes ao trabalho docente, os quais dizem respeito ao trato com o conhecimento, ao relacionamento com alunos em ambientes de aula, à velocidade das trocas de informações, à produtividade exigida. Questões como: o que significa ser professor hoje, como é entendido o trabalho docente nos dias atuais e como os alunos de cursos de formação de professores percebem o exercício docente tornam-se essenciais para investigar junto a sujeitos que se dispõem a ser formadores de professores.

Na tentativa de colaborar com este processo, o presente estudo parte das análises efetuadas em um projeto de pesquisa que tem como finalidade reconhecer quais as representações discentes dos alunos de licenciatura de uma universidade pública estadual. Os colaboradores da investigação foram alunos do primeiro e último anos dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais e em Filosofia. Dois de seus objetivos são: reconhecer como o processo de formação inicial atua como colaborador na compreensão das transformações pelas quais a identidade profissional do docente vem sendo construída e identificar quais aspectos auxiliam na desmistificação de representações equivocadas que se encontram cristalizadas socialmente.

A opção metodológica pautou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, visto que considera a realidade como importante fonte de dados, procurando abarcar a riqueza das circunstâncias que as pessoas vivenciam. A essência do processo de investigação está voltada para um problema que se manifesta em atividades cotidianas, reconhecendo o significado que as pessoas dão às coisas. A pesquisa qualitativa permite também que as construções teóricas se formem a partir das análises dos dados, predominantemente descritivos. (LUDKE; ANDRÉ, 1988).

Bogdan e Biklen (1994) expressam que a metodologia qualitativa possibilita a compreensão das experiências e ações por intermédio das perspectivas dos sujeitos da investigação. Os dados qualitativos são designados por eles como:

[...] ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural [...] privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, mas sem desconsiderar o espaço social onde esses atores sociais atuam e se interagem. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

O aporte teórico de sustentação das análises pautou-se na teoria das representações proposta por Moscovici (2010) e Jodelet (2001). Moscovici (2010, p. 37) entende representações como conceitos, ideias, imagens criadas para explicar uma realidade. Estas

[...] são impostas sobre nós, transmitidas e são produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no desuso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro mesmo das descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que invariavelmente reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

Para Jodelet, a representação é “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado, com um objetivo prático e que, portanto, contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2001, *apud* SANTOS; MACHADO, 2010, p. 06).

Neste sentido, analisar a identidade do professor levando em consideração as representações sociais dos discentes de cursos de licenciatura no processo de formação superior inicial colabora na compreensão das transformações pelas quais a profissão docente vem passando, visto que

[...] a identidade profissional é uma construção que perpassa a vida profissional, desde a etapa de escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos espaços institucionais onde se desenvolve a profissão (PAPI, 2005, p. 51).

A metodologia de pesquisa também utilizou para o estudo, pressupostos da análise do discurso (ORLANDI, 1989; PÊCHEUX, 1990; PUTNAM; FAIRHURST, 2001).

A análise do discurso é um método que permite reconhecer qual é o sentido de uma mensagem em dado contexto. Putnam e Fairhurst (2001) definem a análise do discurso como o estudo de palavras e expressões, na forma e uso no contexto, para além dos significados de práticas discursivas. Em outras palavras, a análise do discurso envolve algo mais do que saber o que se fala, envolve saber quem fala, para quem fala, como fala e para quê fala, já que o discurso pode ter vários significados.

Segundo Orlandi (1989, p. 35), a análise do discurso pauta-se em etapas, descritas a seguir:

[...] definir o tema e o problema da pesquisa; revisão de literatura que trata do problema; selecionar as fontes que serão pesquisadas; verificar a possibilidade de acesso às fontes; fazer a leitura das fontes; identificar as idéias principais do texto; identificar pontos-chave do texto, isto é, como o emissor se projeta, quais referências usa, como se dirige ao receptor, que linguagem é empregada, que dimensões ressalta e que argumentos usa; identificar nos dados padrões entre os pontos-chave e diferenças em relação ao tipo de receptor, descrever minuciosamente os elementos identificados, voltar ao problema de investigação, verificar se os resultados obtidos confirmam ou não as teorias revisadas e que deram suporte à investigação; fazer uma conclusão e elaborar a redação final apresentando a pesquisa que foi realizada.

Embora as entrelinhas sejam consideradas intenções não verbalizadas, devem ser inseridas na prática discursiva. Por isso, os textos analisados devem considerar a situação em que eles foram produzidos.

Assim, pesquisa de campo foi realizada como forma de obter as informações dos sujeitos em questão, alunos dos primeiros e quartos anos dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais e Filosofia. Os dados foram coletados nos anos de 2010 e 2011. Segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 75), a pesquisa de campo

[...] coleta os dados diretamente no próprio local em que se deu o fato em estudo, caracterizando-se pelo contato direto com o mesmo, sem interferência do pesquisador, pois os dados são observados e coletados tal como ocorrem espontaneamente.

Diante disso, na coleta dos dados, os colaboradores foram dispostos em um círculo de conversas em sala de aula, para explicitar o objetivo da pesquisa e solicitar a livre e espontânea

participação. Em seguida, foi pedido que cada aluno retirasse uma folha do seu próprio caderno e desenhasse ou escrevesse sobre as representações que têm em relação ao ser professor. Os trâmites da pesquisa seguiram as orientações legais e acadêmicas da instituição em questão, não oferecendo situação de dolo ou constrangimento a qualquer colaborador.

Ser professor na ótica dos discentes

No curso de licenciatura em Filosofia, organizado com pouco mais de 2800 horas, propõe-se capacitar o aluno para compreender o significado dos problemas filosóficos, evidenciando a trajetória histórico-filosófica do homem até os dias atuais e oferecer instrumentais conceituais e acadêmicos para o exercício do magistério na escola básica. O grupo que colaborou foi constituído de seis alunos ingressantes e onze concluintes.

O curso de licenciatura de Ciências Sociais desenvolve suas atividades distribuídas em cerca de 2800 horas, em três eixos formativos: básico, complementar e livre. A formação básica oferece subsídios teóricos e metodológicos para a compreensão do ensino e da pesquisa em ciências sociais. O eixo complementar oferece conteúdos múltiplos e interdisciplinares para o cientista social. O eixo livre caracteriza-se pela possibilidade de aprofundamento em temas de interesse de cada estudante. Os alunos que participaram como colaboradores desta investigação totalizaram 29 do primeiro ano do curso e 15 formandos.

A categoria “ser professor” sustenta-se no estudo desenvolvido por Santos e Machado (2010), por considerarem que “a representação social do ser professor é construída a partir das informações/conhecimentos que chegam às professoras durante o processo de formação (inicial e continuada) e de suas experiências práticas no contexto escolar” (p. 14). Para as autoras, as representações sociais do ser professor podem ser categorizadas em três grupos. No primeiro grupo, encontram-se ideias relativas às ações inspiradas em modelos profissionais idealizados que expressam vocação, doação de si mesmo, dedicação ao outro. Um segundo grupo abrange as ideias referentes às condições para o exercício profissional, ligadas à formação e à atuação docente. O último grupo trata das representações que emitem a preocupação com os desafios a serem superados, tais como a desvalorização profissional e a precariedade das condições de trabalho docente. Neste trabalho, em específico, serão tratadas as representações referentes ao primeiro grupo.

Os ensinamentos sociais transmitidos das gerações adultas para as mais jovens, dentro de dado contexto cultural, produzem razões da existência da escola na sociedade. O labor prestigiado ou menosprezado da categoria profissional dos professores constrói, historicamente, a identidade docente.

Para Moscovici, (2010, p. 34), “[...] quando uma pessoa ou objeto não se adéquam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido, nem decodificado”. Para Jodelet (2001, p. 362), há a “operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados”. No caso dos docentes, relações vividas nos espaços educativos, ao longo da vida, marcam as representações sociais a respeito da identidade docente e se solidificam no imaginário coletivo.

Os dados coletados por meio da pesquisa de campo apontam que as representações dos discentes do 1º ano dos cursos de Filosofia e Ciências Sociais relativas ao ser professor são inspiradas em modelos idealizados_ou que expressam vocação e exemplo de dedicação e compromisso. Reproduzimos a seguir:

Ser professor é ser aquela figura respeitada e principalmente admirada pelos alunos e pelos cidadãos ao redor, é aquele ser imponente [...] O professor é além de transmissor de conhecimento, amigo, conselheiro, parceiro, íntimo. (Aluno 2 – Filosofia).

[...] O professor deve ser aquele que está pronto para atender o aluno, sempre claro e com disposição aluno (Aluno 2 – Ciências Sociais).

[...] embora seja uma profissão um tanto quanto difícil, pois devemos ter paciência, respeito e autocontrole. Mas, para mim, ser professor é preciso paixão, não pensar simplesmente enquanto você poderá ganhar [...] Portanto ser professor se resume em duas simples palavras; amor e coragem (Aluno 3 – Ciências Sociais).

Ser professor requer paciência e dedicação com os alunos [...] (Aluno 8 – Ciências Sociais).

Acredito que escolher a profissão docente é realmente escolher com o coração, foi o meu caso; ser professor é acreditar que podemos participar para a melhoria e a evolução das pessoas. (Aluno 9 – Ciências Sociais).

O professor é um mestre em que ensina os caminhos da sabedoria aos seus súditos, para que um dia em sua ausência tal, possa ser seu sucessor. (Aluno 10 – Ciências Sociais).

Em um país como o nosso, ser professor é ser um guerreiro, é ter a missão de mudar um país com o mínimo de salário para viver e sem estrutura para preparar uma aula e passar o conhecimento adequadamente, pois tudo é o mais precário possível. Por todos estes motivos, o meu parabéns a todos os mestres do saber, que tem o dom de ensinar nestas condições e que apesar disso tudo causam admiração e respeito de poucos, mas poucos estes que um dia querem se igualar a estes mestres. (Aluno 20 – Ciências Sociais).

Santos e Machado (2010) entendem que a ideia de professor como um herói, um sujeito vocacionado para salvar a vida dos educandos ainda é um elemento fortemente identificado na representação social dos professores na atualidade, consolidada na preparação profissional.

Lemos, França e Machado (2002), em pesquisa sobre o assunto, mostram que 33% dos professores expressam que, para ser professor, é necessário, “[...] gostar do que faz, doar-se e ser escolhido por Deus [...]” (p. 151), características que os autores denominam de esfera subjetiva da profissão. A esfera subjetiva reflete a percepção que o professor desenvolve muito mais como pessoa do que como profissional. Assim, a representação do professor vocacionado tem suas origens no universo cultural daqueles sujeitos que consideram a escola a grande redentora dos males da sociedade, capaz de provocar e efetuar mudanças nas pessoas pelo simples fato de existir enquanto instituição responsável por conduzir as gerações ao domínio do código social exigido.

Alves-Mazotti (2010) faz uma análise psicossocial das construções das representações que professores fazem do trabalho docente. Para a autora, muitos professores argumentam que a dedicação tem sentido positivo, já que a formação recebida não os capacitou para lidar com o aluno real. Reproduzimos um excerto:

[...] ao acentuar a dedicação, as professoras distorcem a idéia de que é o trabalho do professor e, em muitos casos, suprimem o que seria o cerne do seu papel profissional, ou seja, o de agente favorecedor da construção do conhecimento pelo aluno [...] (ALVES-MAZOTTI, 2010, p. 24).

A autora acrescenta que tal postura parece ser um mecanismo defensivo de uma geração de professores que não teve formação adequada para o exercício do magistério, sente-se responsabilizada pelos desempenhos não desejados dos alunos, convive cotidianamente com o

desprestígio profissional e, portanto, para fugir ao desamparo profissional, recorre à afetividade e à vocação, ancorando a docência em sentidos maternos, associados ao afeto incondicional, à ausência de retorno, aos valores transcendentais e sublimes da lógica amorosa. Assim, ao conferir ao trabalho docente a missão de salvar os alunos, mediante atos heroicos de ensinar, protegem a autoestima e a identidade profissional.

Talvez esta seja uma explicação para que discentes do último ano tenham ainda uma compreensão do significado do ser professor que se aproxima da vocação, do professor como modelo a ser seguido, capaz de mudar o mundo. Dentre os doze participantes do Curso de Filosofia (4ª série) sete expressaram representações que se aproximam desta ideia e, dos 15 participantes do Curso de Ciências Sociais, apenas um aluno se refere ao ser professor com este entendimento:

A pessoa que seguirá a carreira talvez não necessite ser um modelo em toda a sua vida particular, mas deve sê-lo em sua carreira.
(Aluno 1 – Filosofia).

Professor é aquele que abre a mente dos alunos, apresenta para eles quais são os caminhos certos e os caminhos errados, mesmo sabendo que cabe aos alunos a escolha de qual caminho irá seguir.
(Aluno 2 – Filosofia).

Creio que o professor é aquele indivíduo que apresenta o mundo para os seus alunos. O professor ajuda como a ver o mundo sob outros ângulos, sob outras perspectivas. O professor representa uma ligação com o mundo, isto é, com tudo aquilo que nos cerca e que nos toca.
(Aluno 5 – Filosofia).

Professor é o mestre, tem a capacidade de motivar a vida do aluno, mas também de destruir completamente suas expectativas. Sempre existe aquele professor que admiramos tanto ao ponto de querer imitá-lo. Meus professores tem tido mais influência em minha vida do que meus pais. (Aluno 7 – Filosofia).

Ser professor é um modo muito importante para quem quer fazer algo de fato para o benefício do mundo. A figura do professor é de fundamental importância na construção do humano. (Aluno 9 – Filosofia).

A representação de um professor, podemos pensar em um profeta, pois não é simplesmente um confessor, mas, sim ensinar é sua meta. Com coragem e amizade, preocupado com a ética. Ensinar é

responder um chamado, para aquele que não tem, tome muito cuidado, pois nesta profissão se não tiver amor, poderá morrer frustrado. (Aluno 10 – Filosofia).

A representação do professor para mim é de uma pessoa paciente, educadora, criativa, inteligente, que possa resolver problemas tomando soluções imediatas, motivada e principalmente que goste muito de sua profissão. (Aluno 11 – Filosofia).

Em relação aos significados da ação docente, Sugahara e Souza (2010) asseveram que estudantes de cursos relacionados à educação utilizam, com frequência, a dimensão afetiva no trabalho docente. Para as autoras, “ter paciência”, “ter amor” e “ter compreensão” são representações importantes para os estudantes e favorecem a compreensão que eles têm de sua própria formação e dos fatores que os conduzirão ao bom desempenho profissional. De acordo com as autoras,

A dimensão afetiva no trabalho docente, por um lado, indica que é pela emoção que o professor é afetado e realiza a reflexão que leva a condição de sua ação. Emoções que mobilizam sua ação [...] Esta dimensão da afetividade compreende também a vocação. Enquanto disponibilidade para o outro [...] Por outro lado, a afetividade é compreendida como condições para que o aluno aprenda. [...] A afetividade é então descrita como uma estratégia didática. Neste sentido, o amor, o respeito, a atenção, a dedicação, compromisso e responsabilidade são comportamentos que permitem ao professor organizar seu ensino e favorecer a aprendizagem do aluno. (SUGAHARA; SOUZA, 2010, p. 89).

A ideia vinculada ao professor afetivo e vocacionado dificulta a compreensão ampliada das relações entre escola, família e sociedade, retirando a condição de pertencimento político na identidade profissional, considerado parâmetro importante na construção da profissão.

A constituição da identidade docente requer o entendimento de que esta se “configura uma forma de ser e fazer a profissão; portanto, precisa consistir em um processo no qual os professores considerem-se atores, responsáveis e autônomos, pelo trabalho que desenvolvem e pela vida pessoal e social que fazem parte” (PAPI, 2005, p. 53).

As relações existentes entre trabalho e capitalismo revelam a maneira como o homem vem organizando a produção de sua vida material e como, nos dias de hoje, predomina o trabalho alienado. No caso dos professores, é necessário situar o papel da educação dos professores no mundo comandado pelo capital. Falar das relações entre o trabalho e a educação, retomando

aspectos da acumulação do capital e do desenvolvimento da ciência, da cultura e da formação dos trabalhadores. Pressupõe-se um processo que reconheça que a formação do professor deve ocorrer junto das possibilidades reais do exercício do magistério, pautando-se pelas condições de trabalho, pelo valor conferido ao conhecimento produzido pela humanidade, pela busca de uma escola de qualidade, pela construção da justiça social.

Nos depoimentos expressos pelos discentes da 4ª série do curso de Ciências Sociais, tanto matutino, como noturno, percebe-se que esta representação idealizada não se manifesta com tanta intensidade, o que parece indicar que houve um processo de desnaturalização destas representações e novas compreensões foram construídas. Tais constatações nos levam a crer que, certamente, a composição do currículo e as experiências vividas durante o próprio curso resultaram neste entendimento, como relata o aluno 4 (matutino): *“Esterno que, no estágio atual do meu curso, as teorias, correntes, metodologias, pedagogias tem contribuído em parte para a compreensão mais bem elaborada do fazer docente”*.

Para este grupo, há um entendimento do papel do professor como mediador, provocador de pensamento, de alguém que não está pronto, fechado, mas que vai se construindo nas relações que estabelece. É aquele que entende que seu papel não é neutro e que deve exercer um papel político, comprometido com a formação de indivíduos constituidores da sociedade. Este grupo entende que ser professor não é uma tarefa fácil e que requer muito aprendizado e reflexões contínuas sobre seu fazer docente, conforme expressam alguns dos alunos:

Ser professor é intermediar o conhecimento científico às questões práticas do aluno, tentando, de alguma forma, construir um pensamento crítico. (Aluno 1 – Ciências Sociais – noturno)

Ser professor é mediar através da reflexão dos alunos de forma participativa na obtenção de buscar compreender, através da linguagem, um conhecimento voltado para compreensão do ensino e papel da educação e participação ativa e passiva do professor. (Aluno 6 – Ciências Sociais – noturno).

É um sujeito social dotado de poder institucional para transmitir conhecimentos normatizados a outros sujeitos, normalmente, com idades inferiores a sua. Ele pode se valer dessa posição para agir a favor ou contra correntes ideológicas que influenciam e definem os conhecimentos normativos. (Aluno 7 – Ciências Sociais – noturno).

O mestre não precisa saber tudo, aliás, ele não sabe tudo, nem institui o verdadeiro conhecimento, o conhecimento é 50% pergunta e 50% resposta. O mestre e o discípulo são os provocadores desse conhecimento. (Aluno 1 – Ciências Sociais – matutino).

O professor é aquele que estimula, prepara, ajuda, orienta os alunos a usarem o conhecimento para enfrentar a vida. É estimular, avivar a consciência crítica desses estudantes. [...] ele deve participar ativamente das decisões da escola. (Aluno 2 – Ciências Sociais – matutino).

A profissão do docente, independente da área de estudo, é uma profissão humana, compromissada com a formação de indivíduos para essa sociedade. (Aluno 5 – Ciências Sociais – matutino).

Sabe lidar com desafios que os alunos colocam em sala de aula e, com isso, ensina e aprende no dia a dia. (Aluno 6 – Ciências Sociais – matutino).

Aprendizado contínuo, trabalhoso, cansativo, mas compensador pelo retorno, pela possibilidade de transformação da realidade de alguns alunos. (Aluno 8 – Ciências Sociais – matutino).

Entender o papel do professor como profissional da educação é o que se espera de uma licenciatura e, neste quesito, o Curso de Ciências Sociais parece corresponder, uma vez que, se, no início do processo, os alunos apresentam uma ideia de professor como um missionário, no final deste as concepções se modificam.

O profissional da educação, comprometido com uma dada prática social, trabalha com a construção do conhecimento na relação dialética que estabelece com o aluno, é consciente do tipo de homem que vai ajudar a formar, age pautado em uma ética profissional, busca adquirir e produzir conhecimento e atua em sala de aula com primor. Ser professor, aqui, é ser o agente formal da educação, sujeito disposto a ensinar, dialogar, transmitir o conhecimento e aprender com o aluno. É também um referencial para as gerações com que lida, por apresentar finalidade em seus atos educativos.

Para tanto, é necessária “[...] uma formação que tome o campo social da prática educativa e de ensinar como objeto de análise e compreensão crítica, de preposição, que desenvolva no professor atitude de pesquisar, como forma de aprender” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2008, p. 186), fazendo, da sua prática, uma práxis.

Os aspectos referidos acima devem ser entendidos como recursos dos cursos de professores, nas discussões acerca do significado de “ser sujeito de sua própria história, com a grande responsabilidade de ser protagonista de novos arranjos sócio-históricos [possíveis somente] a partir da compreensão da atividade docente como trabalho produzido e que produz relações sociais, transformador da realidade” (OLIVEIRA, 2005, p. 300).

Considerações Finais

A construção da profissão docente requer, nas palavras de Papi (2005), a configuração “[...] perante a sociedade e perante si mesmos, [dos] caminhos que pretende seguir enquanto categoria profissional” (p. 72). A realização desta investigação permitiu reconhecer que as representações dos discentes dos cursos de licenciatura em Filosofia, ingressantes e concluintes e ingressantes de Ciências Sociais revelam um caminho do ser professor com componentes mais presentes à vocação e à afetividade. Somente os discentes do último ano de Ciências Sociais apresentam superações em relação a esta representação.

No geral, ante todos estes aspectos, é importante repensar a identidade docente mediante as mudanças ocorridas nas últimas décadas dentro do contexto escolar em relação às muitas tarefas, exigências e a dificuldades de trabalho enfrentadas por estes profissionais, já que todos esses fatores acarretam e refletem negativamente na representação social do “ser professor”.

Para tanto, é necessário que os cursos de formação de professores proporcionem aos alunos discussões que ajudem no entendimento de que ser professor não é algo inato, mas um processo de construção e reconstrução de saberes, práticas e vivências adquiridas, visto que, “quando os sujeitos não têm consciência das suas representações, agem orientados pelas práticas socializadas de forma acrítica, funcionando essas representações como estereótipos do que têm que fazer, enquanto ficam ocultas as razões e as críticas, as verdadeiras justificativas políticas e ideológicas de seu agir” (NÚÑEZ; RAMALHO, 2008, p. 12).

Se, por um lado, a ideia de professor vocacionado expressa dificuldade em relacionar o conteúdo estudado às experiências de vida e à realidade social mais ampla, como processo de construção do conhecimento, por outro, reflete o conjunto de conhecimentos adquiridos na relação com o outro, visando tornar-se, no seu mundo social, um ser compreensível e ordinário.

As representações dos alunos das licenciaturas em foco permitiram-nos compreender um conjunto organizado de opiniões, crenças e informações relativas ao sentido do trabalho docente, para uma geração que já nasceu no mundo capitalizado, tecnológico e globalizado.

Compete aos cursos formadores de professores superar o despreparo teórico

“[...] para lidar com a realidade e [...] entender porque é importante, no contexto da escola pública, encontrar incentivos para que seus alunos tenham motivação e estímulos necessários para se relacionar de uma forma crítica com o conhecimento e com a escola de um modo geral [...] com a intenção de auxiliar os alunos a se apropriarem dos métodos científicos para analisar a natureza e as relações que o homem estabelece como ela (FREITAS, 1996, p. 110-112).

Os depoimentos dos alunos mostraram também, e talvez o mais importante neste contexto, que o espaço da licenciatura é um espaço de construir novas representações. Se a trajetória de vida, incluindo a escolarização, foi marcada pela dimensão afetiva, algo importante para alçar motivos que os levaram à preparação para o exercício do magistério, tal como os alunos dos primeiros anos mostraram; muito mais importante é a evidência da crítica e da reflexão sobre os conhecimentos acumulados.

No tempo e no espaço da formação na licenciatura, o aluno deve ter a oportunidade de reconstruir ou construir novas representações, com base no aprofundamento do conhecimento específico, nas relações deste com o conhecimento pedagógico, na articulação que faz do mundo com seu mundo particular. Isto porque passa a ser imprescindível que os discentes de um curso de licenciatura saiam da universidade com um panorama diferente de quando entraram no curso.

[...] ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, p. 14)

As especificidades da profissão docente, o conjunto de características que compõem a identidade profissional, debates sobre os rumos e propósitos da educação, os planejamentos, planos e programas da educação nacional, o papel do professor e as devidas condições

necessárias para o desenvolvimento da profissão docente requerem espaço na formação. O presente estudo indicou que já há este espaço.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Junqueira. A construção das representações de professores do ensino fundamental sobre o trabalho docente: uma análise psicossocial. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 11- 27, jul./dez. 2010.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

LEMONS, Kátia Regina Figueiredo; FRANÇA, Sonia Maria Mendes; MACHADO, Vanda Moreira. Tornar-se professor: um olhar sobre a prática docente. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Tradução de Pedrinho A. Guarischi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NÚÑES, Isauro Beltrán; RAMALHO, Betania Leite. A profissionalização da docência: um olhar a partir da representação de professoras do ensino fundamental. **Revista Iberoamericana de Educación**, EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), n. 46/9, p. 1-13, 10 sep. 2008. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2504Beltran.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2011.

OLIVEIRA, Cláudia Chueire de. **A formação superior de professores através de mídias interativas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Vozes e contrastes**. Discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores: formação e profissionalização**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HARK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Sampaio Corrêa Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PUTNAM, Linda L.; FAIRHURST, Gail Theus. Discourse analysis in organizations: issues and concerns. In: JABLIN, Frederic M.; PUTNAM, Linda L. (Eds.). **The new handbook of organizational communication: advances in theory, research, and methods**. London: Sage, 2001.

SANTOS, Patrícia Irene; MACHADO, Laêda Bezerra. Entre a vocação e os desafios: as representações sociais do ser professor. **Revista Profissão Docente**. Uberaba, MG, v. 10 n. 21, p. 2-17, 2010. Disponível em: <http://www.uniube.br/propepe/mestrado/revista/vol10/entre_a_vocacao_santos.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

SUGAHARA, Leila Yuri; SOUZA, Clarilza Prado. Análise dos significados de afetividade como condição do trabalho docente. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 75-91, jul./dez. 2010.